

## **RESENHA DO LIVRO: DESLOCAMENTOS DO FEMININO**

**KEHL, M.R.**

Deslocamentos do Feminino- A Mulher Freudiana na Passagem para a Modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

### **Sobre a autora**

Maria Rita Kehl é psicanalista e poetisa. Publicou os livros: A mínima diferença: masculino e feminino na cultura (Imago, 1996), O olhar (Companhia das Letras, 1997), O cinema nos anos 80 (Brasiliense, 2000) e O cinema no século (Imago, 2001). Já participou de programas televisivos, como Café Filosófico da Rede Cultura, e de documentários (Além do Cidadão Kane, BBC, 1993). Publica artigos, freqüentemente, na imprensa nacional e possui um site<sup>1</sup>, no qual disponibiliza artigos sobre vários temas, como sexualidade, cultura e cinema.

### **Sobre a obra**

O livro constitui a tese de doutoramento da psicanalista Maria Rita Kehl, pela PUC- SP. Orientada pelo professor Manoel Berlinck, teve como banca examinadora Jurandir Freire Costa, Leda Tenório da Motta, Paulo Roberto Cecarelli e Renato Mezan.

---

<sup>1</sup> [www.mariaritakehl.psc.br](http://www.mariaritakehl.psc.br)

## **Resumo da obra**

A obra é dividida em quatro capítulos, sendo os dois primeiros dedicados a um levantamento bibliográfico acerca das transformações sociais, no momento da passagem da tradição para a modernidade, com um olhar voltado para a condição feminina. A autora constata que, sendo o ser humano um ser de linguagem, conseqüentemente, será um ser de cultura e que a neurose constitui uma resposta possível para o impasse conflitante das novas demandas sociais. Assim, o sujeito moderno coincide com o sujeito neurótico. Em outras palavras, com a modernidade e a ascensão da classe burguesa, o sujeito se vê livre das amarras hierárquicas do antigo regime, porém, nesta nova conjuntura, precisa constantemente se definir, para melhor explorar tais possibilidades. Outro fator importante da modernidade são as reformas ideológicas em relação à instituição do casamento (casar-se por amor, por exemplo), às novas relações intrafamiliares (a invenção da infância, sendo o filho um projeto educacional da família), e a influência da literatura e dos ideais românticos.

Sob este último aspecto, a autora dedica um capítulo inteiro para analisar o quanto a produção literária da época fora absorvida pelas mulheres, construindo um imaginário condizente com o ideário romântico (liberdade, aventura, conquistas), gerando um conflito mediante a insatisfação da vida limitada do lar. Não só pela absorção de tais ideais, a educação feminina, de fins de século XIX, estimulava mentalmente aquelas que ainda não possuíam possibilidades reais de produzir um discurso próprio acerca de como viver suas vidas.

Este conflito será tratado nos dois capítulos subseqüentes, em que a autora discorre sobre a importância das mulheres na clínica psicanalítica. A histeria é, de conhecimento comum, a pedra fundamental na construção da teoria psicanalítica. Através da escuta de suas pacientes Freud, um acurado observador, vislumbrou os pressupostos básicos de sua teoria como, por exemplo, a importância da sexualidade na formação do psiquismo humano.

A autora expõe a importância das pacientes de Freud, enquanto mulheres modernas, em crise com os papéis sociais impostos por uma sociedade em transformação, ansiando por espaços, até então, restritos aos homens. Um dos resultados da influência feminina na Psicanálise foi a própria adesão de várias analisandas ao movimento psicanalítico, atuando seus anseios em produção intelectual.

## 1. Metodologia

A autora utiliza falas anônimas de pacientes para ilustrar seu raciocínio; e, ainda, faz uma análise apurada da obra de Flaubert, “Madame Bovary”<sup>2</sup>, construindo um paralelo entre a obra e as intenções do autor, e a constituição da neurose feminina do século XIX. Ou seja, uma mulher que, assim como a classe a qual ela pertence, a burguesia, sofre pelo desejo “*de ser um outro*”, de realizar desejos que até aquele momento ainda estão fora de sua jurisdição caseira, como: o desejo de trabalhar, de produzir trabalhos artísticos e intelectuais ou, até mesmo, desfrutar de uma sexualidade mais livre.

## 2. Referencial teórico da autora

Kehl utiliza não só o referencial psicanalítico de Freud e Lacan, aliados a vários biógrafos e comentaristas, como também obras já conceituadas da Sociologia contemporânea, por exemplo: “O Declínio do Homem Público”, de Richard Sennett, “A História da Sexualidade”, de Michel Foucault e “A Experiência Burguesa, da Rainha Vitória a Freud”, de Peter Gay.

---

<sup>2</sup> Madame Bovary é a obra que inaugura o estilo literário Realismo. O livro conta a história de uma jovem romântica e sonhadora, Emma, que, frustrada com seu casamento e inspirada pelos romances que lê vorazmente, inicia uma jornada de casos amorosos que a levam à ruína.

### **3. Contribuições teóricas**

A autora manuseia material diversificado para analisar Freud, enquanto um homem de seu tempo; neurótico e apegado à moral vigente que, não conseguindo transcendê-la, limitou sua visão da feminilidade como uma falta de capacidade sublimatória e não como falta de liberdade de ação.

Em relação a Lacan, Kehl reconhece suas contribuições, porém chama a atenção para um fato crucial. Se para a psicanálise lacaniana a inveja do falo (e não do pênis, pois o pênis não é o falo) é a mola propulsora de todo movimento histérico (feminino), esta inveja não deveria ser relegada apenas às mulheres, posto que os homens, também, buscam pelo falo. Desta forma, a autora aponta para a real dificuldade dos seres, homens e mulheres, em construir uma identidade sexual, engendrando um discurso próprio.

Esta visão possibilita pensar a feminilidade de forma positiva, ao contrário do que se constata no texto freudiano, especificamente, em “A Feminilidade”, o qual, não por acaso, é amplamente discutido pela autora. Assim, contribui para a desmistificação da visão “machista” da qual a Psicanálise é acusada pelo movimento feminista, como também aprofunda um tema que, apesar de altamente trabalhado por Freud, manteve-se ambíguo e obscuro até seu último artigo sobre o tema.

### **4. Filosofia da autora**

Kehl parte das formulações lacanianas acerca do psiquismo, como o papel da linguagem, a formação do imaginário e as vias do desejo, para analisar as construções teóricas de Freud e, à medida do possível, ampliá-las. A idéia de Lacan, em sua proposta de “retorno a Freud”, já partia deste princípio de releitura (e não cópia ou leitura ao pé da letra, como muitos confundem), aprofundando temas inacabados ou ambíguos, encontrados na extensa produção freudiana. Desta forma, a autora consegue questionar e propor uma resposta para a questão

feminina sem, entretanto, se afastar da premissa teórica a qual segue, utilizando-se de um raciocínio psicanalítico, ao invés de se apegar firmemente ao que já foi dito.

## **5. Julgamento pessoal**

Penso que os temas pelos quais nos apaixonamos sempre remetem a algo de pessoal, uma forma de nos encontrarmos na fala de um outro. Desta forma, como psicóloga cujo interesse pela Psicanálise há tempos me acompanha, a questão da feminilidade sempre foi intrigante. Como dito acima, sendo mulher, as constatações de Freud acerca das mulheres sempre me deixou com “a pulga atrás da orelha”. Termos como “inveja do pênis”, “fracasso em sublimar”, “esgotamento psíquico” geram desconforto e, em alguns momentos, desconfiança em relação à Psicanálise. Apesar disso, minha paixão e interesse pela teoria persistiu, e ao ler as idéias de Kehl e sua maneira confiante de manejar a teoria, muitas idéias que antes considerava apenas más interpretações minhas, se tornaram claras.

Kehl consegue percorrer o caminho das transformações sociais que afetaram, não só, Freud, como todos os pensadores de seu tempo; e faz um recorte das idéias da época (zeitgeist) para compreender, e não criticar, as falhas do mesmo em enxergar a feminilidade para além de seu tempo. Neste caminho, mata “dois coelhos numa paulada só”, dando uma resposta viável, teoricamente, a uma questão controversa e calando a boca de muitos que criticam a Psicanálise de conservadorismo ou preconceito.

## **6. Finalidade da resenha**

Meu objetivo, em escrever esta resenha, consiste em dois aspectos. O primeiro é o de promover o trabalho de Maria Rita Kehl, o qual acompanho há algum tempo, e cuja prolixidade e escolhas temáticas não só ensinam como

inspiram. O segundo aspecto é o de incentivar aqueles que possuem interesse pela Psicanálise, seja freudiana, lacaniana, kleiniana ou qualquer outro “ana”, em seguir, se não o exemplo de Kehl, talvez, sua proposta de que, não importa o quanto admiremos nossos mestres, que não sejamos apenas mais um cordeiro a seguir um discurso pronto, alienadamente. Eles nos guiam até certo ponto, até que conquistemos nossa própria voz, podendo dialogar com eles com nossas idéias e palavras.

## **7. Sobre a resenhista**

Meu nome é Juliana Baracat. Sou graduada pela Universidade Estadual de Londrina, e especialista em psicanálise lacaniana pela Universidade Católica Dom Bosco. Atualmente pesquiso a questão da feminilidade contemporânea e a plasticidade da sexualidade moderna. Atuo como psicóloga voluntária na Clínica-Escola de Psicologia e de Pesquisa Aplicada da ACEG – Garça/SP.